

# Festival do Teatro Brasileiro

Pensamento Crítico

MISANTHROFREAK

Por Paulo Michelotto

En dedans

Eu disse que é uma pauleira.

É uma pauleira.

Eu vi ali um legítimo Beckett pelo humor ácido, típico de irlandeses, ingleses e por extensão norte americanos.

Mas não consigo ver Rodrigo assim, estou achando que Rodrigo Fischer é um metaleiro.

Estranho dizer isso de um cara que tem o cinema no sangue e o reverencia e referencia constantemente. Dele pode-se falar em design de som também. Sons não são mais elementos etéreos que entram e saem por ouvidos. O cinema deixou de ser mudo apenas porque descobriu-se como desenhar o som. E MacLaren passou a se divertir no Canadá em rabiscar a trilha no celuloide...Não sei se viajei redondamente mas ouvi perfeitamente o trenzinho caipira de Villa Lobos no final, numa versão incrível. Ouvi Rodrigo balbuciar como se estivesse num Achadouro, e passar o tempo numa gama extraordinária de sons vocais. Sons. Sons. Imagens acústicas como queria Saussure criando a linguística e o estruturalismo. Cujo processo de significação – e portanto de ressignificação- não se dá pela referência de um significante a um sentido (aqui bobamente explicado como a palavra árvore remetendo ao sentido que temos de árvore) mas de um significante a um significante, numa cadeia infinita de sons. Quase que falamos por falar, quase que falamos para fazer ruído e não ficarmos com medo de estarmos sós, quase que falamos por termos todo o tempo do mundo e estaríamos dando estofo a ele, preenchendo-o, deprimidos talvez por horizontes sem luz.

Viajei muito. não foi? Mas porque haveria eu de sentir um trem constante nesse trajeto, da nomeação isso é um cachimbo, perdão, isso é um trem até ao meu fantasmagórico trenzinho de Villalobos, senão porque nossa personagem apenas anda, apenas perfaz um percurso, qualquer de um ponto qualquer a outro qualquer, sem limite de palco e platéia, de cima ou debaixo, quase um grego à busca do local de origem de sua maldição?E quando essa maldição

são os sons quando querem significar , as imagens quando querem significar e apenas nos entopem o caminho como pedras no sapato, dentro ou fora de lugar- para onde ir?

Non sequitur é o humor que nos resta. O humor inglês.

O humor de Fischer.

Beckett deixou inúmeros personagens à espera. Todo teatro que nos precedeu deixou o público à espera, brechando através do buraco da boca do palco – nos disse Barthes e parou de ir ao teatro.

Fischer inverteu tudo: é o placô que nos brecha, nos olha todo o tempo.

Por causa de Fischer, o teatro ainda é possível

A descoberta do non sequitur nos parece ser por haver duas maneiras de se olhar: sequencialmente, uma coisa atrás da outra, fazendo de conta que no universo há causalidade. Ou empilhada ou paradigmaticamente, uma coisa por cima da outra, em bloco. Pensando em bloco como se dizia nos anos 60, por conta do Heinlim, me parece.

Estranhos numa terra estranha.

Despossuídos até de nós mesmos. Tendo apenas um ponto de partida. Aquele onde Fischer se coloca para começar a se mover. Lembrando-me miseravelmente do personagem de Katastrophè de Beckett.

Rodrigo Fischer para mim é um Samuel empilhador, paradigmático, aquele que prende os personagens a uma árvore seca-“ árvore”, exclamará Saussure para exemplificar o signo- a um quarto em Filme, a um pedestalzinho em Katastrophè, a Vasos em Comédia. Diferente porém, onde seu humor é menos francês que inglês. Diferente onde Samuel corta, fica simples, porque empilha com lógica, Rodrigo empilha e pronto, não necessita ligar nada ao lado. Aliás, não necessita. Preenche o mundo com cacarecos sonoros e cacarecos de imagens parecendo vasculhar um gigantesco lixo de computador: é lixo, é abandono, mas tudo foi algum dia uma imagem nossa, um documento nosso, um selfie nosso. Esse misantropo nada molieresco não dá chance, não cede a nenhuma perspectiva, não abre nenhum horizonte romântico. Não estamos mais trafegando absurdos.

Porque no fundo onde Rodrigo nos desce só há escombros.

Seu texto é palimpsesto, escrito em pele, por sobre outro texto raspado.

Essa insistência na escritura é que me deixou pasmo.

Pensei que ia ficar deprimido, como fico em tantos outros textos que afundam. Rodrigo deu uma volta enorme e me deixou no mesmo lugar de onde ele começara: em pé, querendo me movimentar.

E creio que nisso reside a enorme força política desse seu texto.

O mundo exterior invade todo o tempo esse pequenino universo circular.

Nem que seja de trem.

Não me peçam para falar em ficha técnica.

A turma dele é profissional.

MISANTHROFREAK

En dehors

Mesmo assim não me peçam para falar da ficha técnica.

Isso a gente fala quando pode contribuir tecnicamente com algum grupo.

Isso a gente fala quando crê que crítico sabe mais que o artista que construiu, ou quando cremos que crítico seja um engenheiro de sentidos.

Eu sou crítico, me orgulho disso e sei perfeitamente que há obras que me ultrapassam.

E que a melhor contribuição que posso dar aos artistas envolvidos é dizer que fui ultrapassado por eles.

1-Por exemplo: assisti em vídeo a peça e não achei legal o tempo dado à boneca inflável nem à acochada. Cena que deu algum ruído na plateia tb.

Mas fui ultrapassado: a cena toda é delicada e talvez a mais reconhecidamente romântica de todo o texto. Quando a desmonta esvaziando o ar, pneuma grego, ruâm de Javé, sopra de samuel há uma impossibilidade gigantesca se enchendo no palco, impossibilidade de dar vida, de contato, metáfora pesada de nossos sites de relacionamentos, nossas redes sociais que nos emaranham prometendo o contato total e universal, nossa cena que nos une com desconfianças.

Porque nosso zap, nossa web, é nossa boneca inflável.

E muitas vezes estamos navegando cada vez mais para dentro, pra longe e para fora, em busca de contato,.

Sem tato.

Aquilo que achei cortvel – porque crítica  de kritein, cortar- não era.

Muito pelo contrário.

2- A cena ao fundo construindo um lugar, onde habita boneco-vivo que a mim assustou, criao de alguns filmes de terror dentro de uma tradio americana cinematográfica antiga que era de ódio a crianças e filhos. A cena introduz o trem da próxima viagem, cuja realidade  a nomao: isto  um trem. E cujo movimento transforma natureza em movimento de passar, passagem, paisagem. O trem nomeado estará iniciando a mesma viagem que o personagem inicia ao entrarmos no teatro.

Achei desnecessária em video, achei que repetia o que já estava dizendo.

Imaginem!!!

E a verdade  que eu havia perdido um link importante.

O link era aquele teatrinho de sombras ao fundo, mais uma vez teatro de encontros e o encontro era de uma infância reencontrada por um ursinho de pelcia, em cujo fundo histórico habita o próprio personagem,  procura, mais uma vez dançando e perdendo como numa micro-cena do encontro com a boneca inflável.

Cena multiplicada dessa vez, pois  mesa, ao fundo e bem  frente em evidência, em vidência, bem na frente, bem na sua cara, em cine, kin, breve s movimento.

E por isso, por um segundo me pareceu superficial a raiz do que algum crítico nomeara como esttica ou marca registrada de Misanthrofreak: o cinema.

Achei que o boneco parecia Chuck e fui parar onde um crítico me orientara. E errara. Afinal se Édipo erra, porque não críticos.

Mas, por segundos, pareceu-me que Rodrigo está mais para Kinematgrafo. Entendido como a possibilidade de se registrar, se escrever sobre o movimento, com o movimento, em movimento.

Escrever em movimento,.

Pois kin  isso e nisso Rodrigo  mais grego que Sófocles- apesar dos percursos deste, da errância eterna de seu Édipo.

Misanthrofreak hoje para mim  pura kin.

E Rodrigo um grego aristofnico. Da comédia. Do riso que castiga. Simplesmente invertendo, como Heidegger as interpretaes: sua marca  fania e aristos: mostrar aos poucos.

E para isso ele se movimenta: para mostrar.

Mostra-nos o escondido e não a evidência covarde.

Mostra-nos o fracasso composto de tentativas e não a única que se sucede a todas e por isso nomeamos tolamente sucesso.

Mostra-nos o erro, da errância do Sujeito, diversidade de caminhos, escolha impossível do certo, mero acaso da descoberta. Porque todo erro sempre encobre apenas a sua verdade, nunca se descobre nada que não esteja já no erro, já encoberto.

Des-velar talvez, pois contem a vela da nau onde navegamos em tecnologias e contém o desvelo que é o cuidado essencial quando tratamos com as coisas dos humanos.

Rodrigo vela e desvela conosco.

Mostra-nos o esforço de mover a perna, de quebrar pedras que impedem de mover a perna, o esforço de recolocá-las de volta no lugar para que se siga focando o esforço e não a vitória, a tentativa e não o andar, o caminho e não para onde ele leva.

E é a esse movimento que chamamos méta odos.

Misanthrfreak é a anarquia- sim pois se trata de archè- mais metódica que já passou por nosso palco.

Rodrigo passa caminhando.

E deixando pedrinhas como um Joãozinho .

Protegendo -nos, público, Marias.

Para sabermos os caminhos de volta para casa, ele reconstruiu milimetricamente sua história, deixando marcas e pistas aqui e ali cercando um conjunto todo precioso – visivelmente disforme, perdido em busca de sentidos, porém centrado nos dois sentidos mais comuns dos desencontros de nossa história : o ouvir e o ver.

Com carinho soa aqui, ressoa ali , faz eco mais à frente , fala uma só frase, exercitada com as mais brilhantes técnicas vocais, tentando apesar de barítono - o cara dos sons graves, porque tudo em teatro é grave e a gravidade é a lei maior que prende todo vôo- tentando dizer , repito, em altos, arethas,baixos,arnaldos, graves, agudos,, caetanos , do início ao fim apenas um só e completo verso :

estamos sós, mas não é o que queremos.

E só faz isso para sabermos o caminho de volta pra casa.

Pois não me pareceu nem um instante que Rodrigo pretendesse destruir a casa.

O seu não é um teatro dos anos 60.

Esse quadrado de madeira ou pedra nos guarda e protege de monstruosos ursos que insistem em se levantar de dentro de nós para mostrar: vejam sou coberto de peleúrcia, sou feroz, sou bosque paisagem, céus e esporros, céus e tentativas de primitivos rabiscos dentro da noite, noite dia, claro escuro, viagem para trás onde minha natureza se encontra com as outras e solta o que está em mim.

O que realmente sou: naturalmente monstro.

Deu para sentir como , só num maldita cena ,eu bobeei diante do monstro e por isso fiquei total e indelicadamente ultrapassado?

Shakespeare tinha uma técnica de repetir a peça em micro-cenas ou pecinhas dentro da peça. Rodrigo monta montanhas de pedacinhos de texto que se juntam dentro de nossas cabeças aos poucos, sem precisar de ligação tipo “ e então, como dissemos segue que, mas, porém, e, agora mais do nunca faustão, inexoravelmente, visto que não viram, cena I e agora cena II, isso é um trem e isso é o som de um trem e a palavra trem dita é justamente o som de um trem´

E enche os espaços com papéis e frases que supostamente poderiam ligar o todo, ou nos ajudar a ir em frente.

A encenação para o tio, tida como um escárnio por parte de Hamlet, é em verdade apenas um desses momentos. O público elisabetano fazia um pouco de tudo dentro dos teatros e muitas vezes não acompanhava o texto principal, além de chegar atrasado nas peças por se estar duelando com alguém.

Rodrigo ficou com pena do público e deu uma chance a mais para continuar seguindo seus passos trôpegos num caminho só de pedras, pois de um teatro que não se quer educativo, jesuítico, romântico ou seja lá o que for de fazedor de cabeças.

É apenas um papo.

E do que talvez mais nosso tetro esteja precisando: um longo papo com nosso público

Um longo, interminável e aparentemente sem objetivo algum papo. Que se mede pela forma de fazê-lo, que significa por formas e não por ideias vagas ou frases bem feitas como essas que estou tentando escrever aqui.

Breve, na melhor tradição do texto moderno depois de um Stearn, um Joyce, um Samuel.

E podemos acrescentar, tranquilamente, desse menino, Rodrigo.

DIREÇÃO

ATUAÇÃO

TEXTO

DESIGN DE SOM

DESIGN DE LUZ: RODRIGO FISCHER

DESENHO DE VÍDEO

ANIMAÇÃO

RESPONSÁVEL TÉCNICO: FERNADO GUTIERREZ

PRODUÇÃO: YASMIN SANTANA

CINEASTAS: PETER AZEN 7 JULIANO CHIQUETTO

FIGURINO: DIANA DINIZ

02.02 / 03.02

19 HORAS

TEATRO APOLO

ESTETÁCULO COM ÁUDIO-DESCRIÇÃO E LIBRAS